



O Império Luso como laboratório: exercício de espacialização do Códice Casanatense. Paisagens globais e conectadas

El Imperio Luso como laboratorio: ejercicio de espacialización del Códice Casanatense. Paisajes globales y conectados

E1_S1 - Paisagens globais e transfronteiriças: histórias conectadas.

Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno

FAU-USP, Brasil

beatrizbueno@usp.br

Resumo: A Biblioteca Casanatense de Roma, doada por testamento pelo Cardeal Girolamo Casanate em 1698, tem 25 mil volumes e nela encontra-se o precioso manuscrito 1889, policromado, sob título inexacto e ambíguo “Disegni indiani”. Mas seu conteúdo não se limita à Índia. O códice compõe-se de 76 fólios. As inscrições estão em português, o que leva a supor tratar-se de autor desconhecido lusitano. As legendas em letra do século XVI permitem datar o manuscrito no período. Os desenhos reportam à Ásia e África, regiões em que os portugueses se fixaram, tais como Cabo da Boa Esperança, Etiópia, Arábia, Irã, Índia, Ceilão, Malaca, Java, Molucas e China. Cada um dos fólios apresenta dimensão considerável – 30 cm x 42,5 cm, cada qual numerado de 1 a 141 em algarismos arábicos. Sua importância reside no registro em desenho a bico de pena e aquarela de um grande número de povos, representados em ordem geográfica, com seus traços fisionômicos, indumentária, armas, casamentos, religião, ofícios (mercadores, cambistas, guerreiros, marinheiros, corsários, agricultores, almocreves, aguadeiros, lavadeiros, ferreiros, ourives etc.), em meio à fauna e flora vigentes nas diferentes latitudes do mundo luso. Alguns autores supõem tratar-se da versão ilustrada do “Livro do Oriente” de Duarte Barbosa. O códice foi alvo de importantes estudos, chamando a atenção de Charles Boxer, Fernand Braudel e recentemente de Sanjay Subrahmanyam.

Esta comunicação é um convite para uma história global da urbanização no século XVI. Seja por meio de viagens, seja por diversos outros motivos, pessoas e artefatos circularam entre as várias partes do mundo urbanizado. O códice da Biblioteca Casanatense de Roma é metáfora do alcance das trocas culturais, encontros e hibridismos dos quais somos herdeiros. A ideia é georreferenciar e espacializar as imagens do Ms. 1889 no *Google Earth* e navegar por mares desconhecidos pela historiografia brasileira, conectando paisagens plurais articuladas pelo império luso.

Palavras-chave: História da Urbanização; História Global; Histórias Conectadas; Arqueologia da Paisagem; Humanidades Digitais.

Resumen: *La Biblioteca Casanatense de Roma, donada por testamento por el cardenal Girolamo Casanate en 1698, cuenta con 25 000 volúmenes y en ella se encuentra el precioso manuscrito 1889, policromado, bajo el título inexacto y ambiguo «Disegni indiani». Pero su contenido no se limita a la India. El códice se compone de 76 folios. Las inscripciones están en portugués, lo que lleva a suponer que se trata de un autor lusitano desconocido. Las leyendas en letra del siglo XVI permiten datar el manuscrito en esse período. Los dibujos se refieren a Asia y África, regiones en las que se establecieron los portugueses, como Cabo da Boa Esperança, Etiópia, Arabia, Irán, India, Ceilán, Malaca, Java, Molucas y China. Cada uno de los folios tiene un tamaño considerable, 30 cm x 42,5 cm, y están numerados del 1 al 141 en números arábigos. Su importancia reside en el registro en dibujo a pluma y acuarela de un gran número de pueblos, representados en orden geográfico, con sus rasgos fisonómicos, vestimenta, armas, bodas, religión, profesiones (mercaderes, cambistas, guerreros, marineros, corsarios, agricultores, almocreves, aguadores, lavanderos, herreros, orfebres, etc.), en medio de la fauna y la flora existentes en las diferentes latitudes del mundo luso. Algunos autores suponen que se trata de la versión ilustrada del «Livro do Oriente» de Duarte Barbosa. El códice ha sido objeto de importantes estudios, llamando la atención de Charles Boxer, Fernand Braudel y, recientemente, de Sanjay Subrahmanyam.*

Esta comunicación es una invitación a una historia global de la urbanización en el siglo XVI. Ya sea a través de los viajes o por otras razones diversas, las personas y los artefactos circularon entre las distintas partes del mundo urbanizado. El códice de la Biblioteca Casanatense de Roma es una metáfora del alcance de los intercambios culturales, los encuentros y los hibridismos de los que somos herederos. La idea es georreferenciar y espacializar las imágenes del Ms. 1889 en Google Earth y navegar por mares desconocidos para la historiografía brasileña, conectando paisajes plurales articulados por el imperio luso.

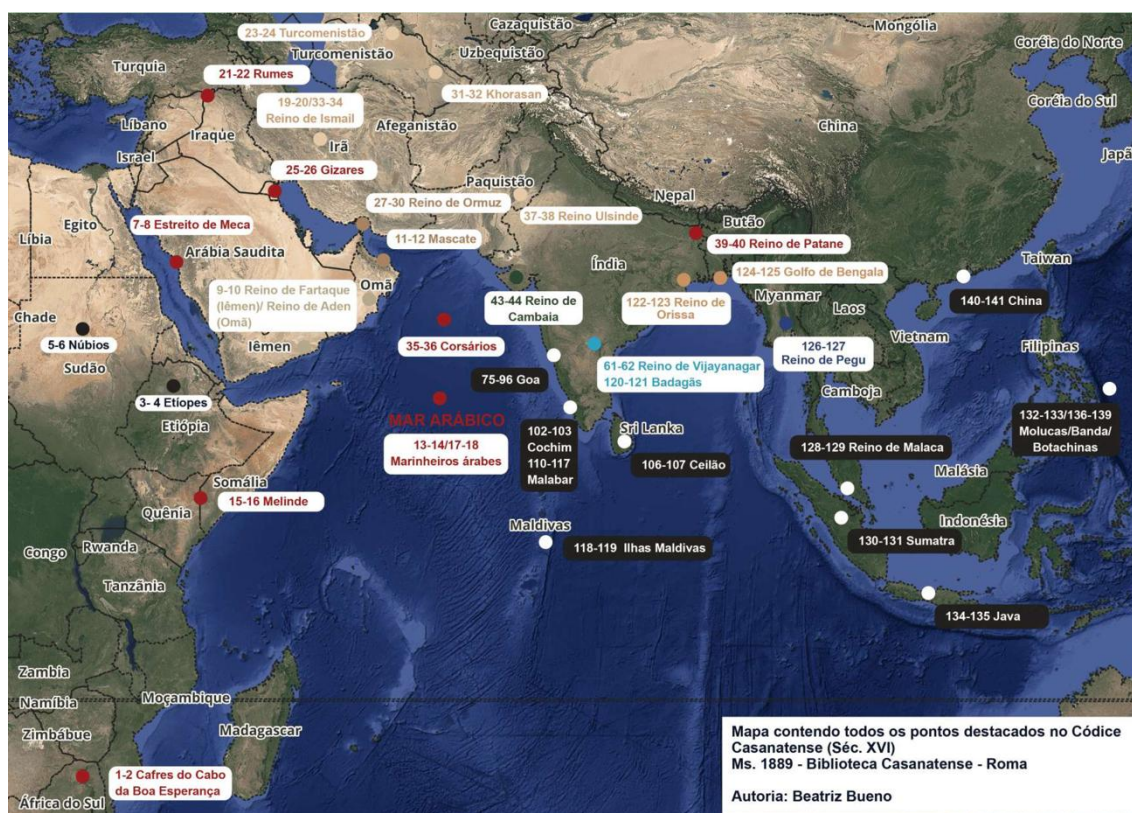
Palabras-clave: *Historia de la urbanización; Historia global; Historias conectadas; Arqueología del paisaje; Humanidades digitales.*

Introdução

O Códice Ms. 1889, intitulado *Album di disegni, illustranti usi e costumi dei popoli d'Asia e d'Africa con brevi dichiarazioni in lingua portoghese*, pertencente à Biblioteca Casanatense de Roma, é uma incógnita historiográfica. Parece ser parte de algo que extrapola seu conteúdo, talvez um projeto mais amplo. Avento a hipótese de se tratar de um relatório inacabado, no qual crônica e desenhos não foram reunidos, pois se trata de um gênero de representação atípico, sem correspondentes no período, em estágio manuscrito, talvez um borrão de campo "tirado pelo natural", jamais passado a limpo e acoplado a outros documentos (como inscrito no fôlio 43-44).

Começemos por sua materialidade. O papel tipo *vergé* está dobrado ao meio e os desenhos organizam-se em páginas duplas, normalmente em pares. O personagem encontra-se no centro da cena e é delineado a bico de pena, envolto por vegetação estereotipada e raros animais. São desenhos muito coloridos e os pigmentos vermelho, verde, amarelo, azul, marrom, preto e cinza colorem as vestes e tonalidades da pele, elementos diacríticos de cada indivíduo, bem como a vegetação e os animais.

Os tipos humanos representam grupos sociais característicos das diversas partes do mundo luso em solos orientais e são referidos pelo autor como “gentios”. Mundos misturados como diria Serge Gruzinski (2001), o códice é uma preciosidade, porque mostra a diversidade de povos mobilizados pelos portugueses no início do colonialismo no Índico.



Viagem ao Oriente em 76 fólhos



Figura 02. Exercício de georreferenciamento do Ms 1889. Biblioteca Casanatense, Roma.

O relato começa pela África oriental. O **fólio 1-2** representa os “**Cafres do Cabo de Esperan[ça]**”, cuja designação vem do árabe kâfir e significa descrente, termo utilizado por mercadores negreiros e modo como os portugueses designavam genericamente os negros de Melinde (Malindi no Quênia) até o Cabo da Boa Esperança. Assim aparecem nos relatos de Vasco da Gama, de 1488. São negros com vestes singelas, semi-nus, mobilizando arco e flecha. Já o **fólio 3-4**. “**Abicins que abit estreyto de mequa banda da ethiopia**” refere-se aos abissínios, povo semítico historicamente associado às terras altas da Etiópia e Eritreia. O casal tem pele de coloração acinzentada e insígnias na testa. Ele porta arco e flecha e turbante. Trata-se de cristãos batizados, vestidos com tecidos da Índia predominantemente amarelos e sapatos vermelhos, de alto status social, diferente dos muçulmanos, assim registrados em Duarte Barbosa. O termo “Abissínia” (do árabe Al-Habash) era usado por estrangeiros. Os “etíopes”, como se designavam, realizavam intenso comércio com o Egito, o Império Bizantino e a Índia, através do mar Vermelho. São conhecidos por sua fé cristã ortodoxa e por uma identidade pan-étnica que une diferentes grupos na região das terras altas. Era ali o mítico Reino de Preste João, lendário soberano cristão do Oriente, herdeiro do antigo reino cristão de Axum, objeto da busca que

instigou a imaginação de gerações de aventureiros. O Golfo de Aden (Iêmen atual) foi ocupado pelo Sultanato de Adal e, em 1517 os etíopes o invadiram. Foi depois saqueado por Lopo Soares de Albergaria. O **fólio 5-6. “Nubis que abitão no estreito de Meca da baõda ethiopia”** (dependente do Reino de Axum desde 330) representa os núbios, cristãos de *status* social inferior, segundo Duarte Barbosa, negros semi-nus, com vestes singelas e portando arco e flecha, tal como os cafres da África meridional.

Como se verá, é interessante constatar que o tom da pele não tem conotação racializada ou religiosa, mostrando uma macrorregião plural em diversidade étnica e religiosa, na qual o tom da pele não constitui estigma ou preconceito.

Cruzando o mar Vermelho, adentra-se na península arábica. O **fólio 7-8 “Mercadores arábios que abitão no estreito de Meca da banda da Arabia”** representa mercadores mouros e judeus, brancos, que habitam no Estreito de Meca. Vestem túnicas azul e verde, calças vermelhas, sapatos, tecidos de algodão e de seda escarlata e veludos de Meca. Ele de turbante e ela coberta com manto demonstram tratar-se de gente de alto status social e assim são descritos por cronistas da época, como Duarte Barbosa (1516-1518), Tomé Pires (c.1515), Padre Jerônimo Lobo e Ludovico di Varthema. De mesmo perfil social, o **fólio 9-10. “Gente que chamão fartaquis habita na costa de arabia os quoões sam m^{to} bons cavaleyros he m^{to} belicosos”** registra outras gentes, da Costa de Fartaque ou Cabo de Fartaque no Golfo de Aden até o Cabo de Madrasah (Omã), porta de acesso ao mar Vermelho. O Reino de Fartaque (ou Fartaquis) era de mouros submetidos ao Rei de Aden e foi descrito pela Armada de Tristão da Cunha (1508), Tomé Pires, Duarte Barbosa, Frei Gaspar de São Bernardino. Curioso é que jamais cortavam o cabelo e a barba, sendo este o elemento diacrítico dos homens, portando cabelos compridos, turbante, barba, elmo e espada. Ela veste túnica azul, saia vermelha e sapatos, bem como um belo véu amarelo de seda transparente e estampada. Ainda na península arábica, o **fólio 11-12. “Mascate na costa de Arabia sudyto a el-rei de Ormuz”** representa Mascate, no Reino de Ormuz, e gentios mouros que se banham e se lavam no golfo de Omã, porta de acesso ao golfo Pérsico. Mascate é a capital do atual Estado árabe de Omã. Afonso de Albuquerque ali aporta em 1507 e a cidade sob dominação persa é então pilhada e incendiada, convertendo-se em feitoria portuguesa. Lugar de tráfico intenso, é um bom porto protegido por altas montanhas. A feitoria ocupa um antigo porto muçulmano. Turcos Otomanos a tomam entre 1552 e 1581-1588, mas os portugueses retomam o poder e constroem duas fortalezas, permanecendo neste estratégico porto até 1650, quando da revolta do Sultão de Omã. Nove mulheres estão banhando -se junto a montanhas das quais vertem água, estando as roupas e toalhas coloridas estendidas para secar. O **fólio 13-14. “Marinheiros arábios”** representa árabes com turbantes pretos e pontudos, portando arco e flecha, blusa preta acima dos joelhos. Ambos têm cor acinzentada, não usam sapatos e ela veste blusa de manga curta, calça e manto listrado, portando uma bandeja de maçãs verdes sobre a cabeça. O **fólio 14bis-15**, sem título, representa marinheiros da costa oriental da África até o Estreito de Meca, vestindo turbante, calças, sapatos e túnica até o joelho. Frei João dos Santos (1609) diz serem mouros, a maioria negros, bárbaros e muito amigos do vinho. Nesse caso, são brancos, usam turbante, túnica, calça e sapatos, portando espada. No mar, pessoas nuas nadam junto de peixes. O **fólio 15-16. “Lavradores da costa da Arábia, a que chamam Boduís. Mouros”** documenta habitantes do sertão e do litoral entre Melinde (Quênia atual) e o cabo Guardafui (Somália atual, Golfo de Aden), nas duas margens da entrada do Mar Vermelho até o Estreito de Ormuz. Seu costume é andar vagando com gado, constantemente em guerra com abissínios, núbios e outros povos. São afeitos a furtos e rapinas. Altos e bem dispostos, nunca cortam a barba nem o cabelo, usando-os crescidos, soltos e atados atrás como mulheres. Vestem panos grosseiros e ásperos que eles mesmos tecem de lã de cabra, cingindo-os com um pano da cintura para baixo, tal como descrito

por Frei João dos Santos (1609). Badoés, Baduís, Biduins, Bodoins, beduínos mouros, têm pele acinzentada e a mulher veste túnica, calça, manto e porta uma bandeja com maçãs verdes sobre a cabeça. Ambos estão descalços. O **fólio 17-18. “Marinheiros arábios”** os representa vestindo blusa e calça curta listradas, turbante, bigode, portando arco e flecha e sem sapato. Têm tez acinzentada. Ela veste blusa e sari listado e romãs amarelas sobre a cabeça (talvez romãs). Chama atenção a diversidade de tipos de mouros que habitam a costa oriental da África até o golfo pérsico.

Enveredamos pelo Irã atual, a antiga Pérsia. Além dos árabes, nessa região miscigenada orbitam muitos outros povos. O **fólio 19v-20. “Mulheres xiroas. São do reino da Síria, cujo senhor é o Xequé Ismael. São muito fermosas e grandes dançantes”** registra o Reino da Assíria e as mulheres de Xiraz (Irã atual), domínio do Xequé Ismail. O Xequé Ismail (Shah Ismail I) reinou de 1501-1524 e é o fundador da Dinastia Safávida¹. Trata-se de mulheres circassianas, escravizadas originárias do Cáucaso, presentes na região de Mossul (Irã atual), a Assíria histórica. Essas dançarinas são brancas e, de fato, muito bonitas, portando vestidos longos e véus, sapatos pontudos, servidas por outras mulheres vestidas de branco. O **fólio 21-22. “Rumes que abitam no Estreito de Mequa [Meca] he de Baçora”** mostra os rumes, termo genérico adotado no século XVI pelos portugueses para se referir aos otomanos e mamelucos que se encontravam no Oceano Índico. Segundo João de Barros (1552-1570), os muçulmanos da Índia, não conhecendo a fundo a geografia europeia, nomeavam todos os povos da Trácia (Romênia atual), Constantinopla, Grécia e Ilhas do Mediterrâneo de “Rums”, termo adotado pelos portugueses e utilizado de forma geral para se referir aos muçulmanos que chegavam ao Índico vindos do Ocidente. Após a tomada de Constantinopla, o termo Rúm foi adotado pelos turcos e árabes para referir aos gregos/romanos (“Romanis”) do até então Império Bizantino. O fólio 21-22 representa a complexa miscigenação nessa macrozona e, nele, os homens são brancos, usam túnica preta, calça curta, turbante, têm bigode e não calçam sapatos. As mulheres, igualmente brancas, portam saia xadrez vermelho, sapatos delicados e véu transparente. O **fólio 23-24. “Gente que abita na Persia que chamão turquimões são gente valente de cavalo he grandes frecheyros ho seu rey he ho xequé Ismael que conquisto com ho turco”** representa a zona do atual Turcomenistão, território do Reino de Ismail. O Reino do Xequé Ismail, na Pérsia, era ancestral do império turco seljúcida e tem relação direta e profunda com os povos turcos, embora não descenda diretamente da casa imperial dos Seljúcidas. A conexão é cultural, linguística e militar. Trata-se de povos alvos e bem apessoados, habitantes de Tabriz, que usam carapucha vermelha (barrete ou gorro de forma cônica ou semiesférica). Homem e mulher aparecem montados a cavalo, portando vestes muito elegantes: ele túnica azul e meias vermelhas, barrete vermelho, arco, flecha e lança; ela saia vermelha, sapatos e véu. São ladeados por pajens. Voltamos ao golfo Pérsico, perto do Kuwait atual, no **fólio 25-26. “Esta gente chamão jizares habitao em huãs ilhas q estão no estreito de Baçora são genre m^{to} valente grandes espingardeyros.”** A população ali é submetida aos persas e habita as ilhas de Gizara, na confluência dos rios Tigre e Eufrates, junto a Bassora atual. O cartógrafo Fernão Vaz Dourado assinala o território “os Gizares” e António Bocarro (1635) menciona-os como “arábios espingardeiros”. Os homens são brancos e vestem túnicas, calça, botas, carapucha e portam espingardas. A mulher branca porta saia, blusa vermelha e véu. O **fólio 27-28. “Gente parsia do reyno de Ormuz. Mouros”** mostra os habitantes do reino de Ormuz que Duarte Barbosa (c. 1516-1518) diz serem muito altos e formosos, de tez branca. Montados a cavalo, assistidos por pajens, o homem veste túnica vermelha de luxo e turbante com distintivo vermelho. Conquistada por Afonso de Albuquerque em 1507 e retomada em 1515, a ilha

¹ A Dinastia Safávida foi uma importante dinastia iraniana (1501-1736) que governou a Pérsia. Foi fundada pelo Shah Ismail I, promotor das artes e da arquitetura, especialmente em Isfahan.

estratégica era a chave do golfo pérsico. Os portugueses constroem ali uma fortaleza, até 1622. Acompanha o casal, bela mulher branca, montada em camelo, envolta em véu. Residência de grandes mercadores, porto de muitos navios, seu rei era muito rico devido às taxas que cobrava. **O fólio 29-30. "Gente portuguesa de Ormuz. Estão comendo dentro d'agoa por ser a terra muito calmosa"** foi escolhido para a capa do volume "O tempo do mundo" de "Civilização Material, Economia e Capitalismo", de Fernand Braudel, e representa a população composta por "casados" portugueses e cristãos da terra, cristãos mais tarde, que ocupavam a Feitoria de Ormuz. Por ser o calor sufocante, tinham o hábito de fazer as refeições em mesas sobre as águas, tema da imagem.

O fólio 31-32. "Gente que chamão corações – mouros – do Reino do Coraçone de que he snrõ ho xeque Ysmael" representa a atual província iraniana do Khorasan, que antes incluía partes do Irã, Afeganistão, Turcomenistão, Tajiquistão e Uzbequistão. Tomé Pires diz que é uma das quatro melhores províncias do reino da Pérsia e havia "corações"- como os portugueses chamavam - a serviço do Hidalcão e dos reis de Cambaia, Mogor² ("Grão-Mogol, mongol) e Bengala. Zona dominada pelo Xeique Ismail, era terra de gente alva, vestida com túnicas longas estampadas e sapatos pontudos. Ela veste véu estampado e ele porta turbante e barba. **O fólio 33-34. "Gente que chamão xirazes mouros do Reino de Xiraz de que he S^{nro} ho xeque Ysmael"** representa a população da cidade de Xiraz, cabeça do reino num breve período da era Safávida. Antônio Tenreiro (1560) diz tratar-se de gente alva e corada, que calça ceroulas, meias calças do joelho para baixo, com sapatos ferrados e portam capas roxas e azuis, bem como cambaias de seda e brocados, espadas de ouro e turquesa.

Margeando a costa em direção à Índia, o **fólio 35-36. "Noutaques. São ladrões que andão a roubar pelo mar"** representa corsários que ameaçam a costa entre Ormuz e o Cabo de Jask (Irã atual). Descritos por Gaspar Correia (c. 1563), Álvaro Velho (ms. 1499), Martim Afonso de Sousa e Italiano Balbi, os "noutaques" ("nautiques") eram submetidos aos Rajás do Gujarate. Designa a tribo dos Nodhaki, habitantes da atual província paquistanesa do Baloutchistan. Tomé Pires (c. 1515) diz serem pagãos, não mouros: não têm rei e vivem em grupos tribais. São corsários negros, semi-nus, portam turbantes, manipulam armas de fogo e arco-flecha em grandes embarcações a remo.

No **fólio 37-38. "Gente do Sinde chamão Sindes"** adentramos na província situada na Índia setentrional, de Cambaia a Bengala, também chamada de Diul, Diusinde e Ulsinde. Era povoada por hindus e sobretudo muçulmanos. O Reino Ulsinde tinha liderança moura. A maioria da população era árabe e os pagãos eram submetidos aos mouros. Território muito estendido para o interior e com poucos portos no mar, era zona de pouco comércio, onde abundavam cavalos. Território limítrofe ao reino persa a oeste e ao Reino de Cambaia a leste, seu rei obedecia ao Xeique Ismail. Trata-se de mouros com pele cor de oliva e branca. Tinham língua própria e falavam persa e árabe, segundo Luís de Camões e Duarte Barbosa (1516-1518). Os **fólios 39-40. "Gente que chamão patanes m^{to} belicosa, porque as mulheres também vão com eles à guerra pelejar"** e **40-41. "Patanas"** representa o Reino de Patane correspondente ao atual distrito de Patna, situado entre Delhi e o golfo de Bengala. A sua capital era Patane e foi tomada pelos portugueses em 1532. São afegãos mesclados a populações indianas aí descendentes. Governam as montanhas e são guerreiros, controlando as duas entradas da Índia, por mar e por terra, segundo João de Barros (1552-1570) e Frei Gaspar de Santa Cruz (1569). Interessante a menção a mulheres guerreiras que iam à guerra. Os homens patanes são representados alvos, com barba e bigode

² "Rei de Mogor" (ou "Grão-Mogol") é a designação usada pelos portugueses, a partir do século XVI, para se referir ao imperador do Império Mogol (ou Mugal), que governou grande parte do subcontinente indiano entre 1526 e 1857.

ondulado, turbantes, vestindo túnicas elegantes e montados a cavalo. Assim como os homens, mulheres flecheiras aparecem montadas a cavalo.

Chegamos ao Reino de Cambaia no **fólio 43-44. “Rei de Cambaia. Este rei de Cambaia é o que pos cerco à fortaleza de Dio e está tirado pelo natural”**. O desenho mostra Mahmud Chad (morto 1554), o rei de Cambaia que possuía quatro a cinco centenas de elefantes comprados no Malabar e Ceilão. Usava elefantes nas guerras, assim como cavalos, e os vendia. O cerco de Diu ocorreu em 1546. O rei do Gujarate é mouro, usa turbante, bigode, barba, veste túnica vermelha e encontra-se montado em elefante coberto de veludo dourado com franjas e adornado com sineiras. Pajens com sombreros acompanham o casal real e mobilizam rabos de cavalo para espantar as moscas. A corte reside em Champanel e é descrita por Duarte Barbosa (1516-1518) e Gaspar Correia (c. 1533). A rainha, montada a cavalo, porta um falcão nas mãos. O Reino de Cambaia é tema dos fólhos seguintes: **45-46. “Caretas em que vão mulheres per caminho do Reino de Cambaya; chamão se jualis”**; **47-48. “Lavradores do Reino de Cambaya”**. Revelam o cotidiano dos meios de transporte (caretas) e universo do trabalho (lavradores semeando vales e campos pantanosos, lavrando a terra com arados puxados por bois, plantando arroz, etc). Com indumentária simples, andam nus somente com panos na cintura. As mulheres usam sari. Os lavradores de arroz pertencem à casta mais baixa e não possuem terras, segundo Ibn Battûta (ms. c. 1339), Duarte Barbosa (1516-1518) e Gaspar Correia (c. 1533). Por outro lado, o **fólio 49-50. “Xarafo que nos chamamos cambador do Reyno de Cambaya”** representa homens das castas superiores, ricos mercadores. Os sarrafos – em árabe sarrâf – comercializam com moedas e, segundo Pyrard de Laval (1615), operam em Goa nos bazares, nas esquinas e nas ruas. Ludovico di Varthema (1510) viu-os em Calecute, com balanças de precisão, na medida em que são ao mesmo tempo mercadores e cambistas (espécie de banqueiros). Outras castas são representadas nos fólhos seguintes. Os brâmanes, casta sacerdotal hindu, com cabelos e barbas compridos, portam fio de três linhas e panos de algodão e constam no **fólio 51-52. “Este penedo abaixo se botão m^{tos} gentios que se sacrificam a seus deoses em um paguode que chamão Fremel”**. Os sacrifícios ocorrem nos pagodes e Tremel (Tirumala) era um dos pagodes importantes da Índia, tal como o do Elefante, junto a Bombaim e Canari em Salsete, segundo Duarte Barbosa, Fernão Lopes de Castanheda (1551) e Vasco da Gama (1488). Por sua vez, o **fólio 53-54. “Baneanas, mulheres de mercadores muito ricos do reino de Cambaya. Gentios”** representa mulheres portando cântaros sobre a cabeça e pegando água em nascentes. Esposas de mercadores muito ricos, as baneanas são brancas e vestem sari. Costumes do Reino de Cambaia, como banhos diários em tanques para mulheres das castas superiores - Brâmanes e Baneanas - são registrados no **fólio 55-56. “Tanque onde se lavam a(s molhe)res (gintias) no reino de Cambaia. Baneanas”**. Já o **fólio 57-58. Pacaes, que vendem ágoa no Reino de Cambaia”**, retoma o registro do cotidiano do trabalho das castas inferiores. Pacaes, no plural, é palavra hindi - pakal - e significa a pele de boi usada para transportar água. Trata-se dos vendedores de água, os aguadeiros, montados em camelos, puxando bois, portando bolsas de couro com água, tal como aparecem nos relatos do vêneto Niccolò de’ Conti para Poggio Bracciolini (ms. c. 1439). Outros gentios constam no **fólio 59-60. “Esta gente chamam Rebustos; abitam nos matos no reino de Cambaya. Mantem se de roubar he nisso acabam. São m^{to} valentes homens he grandes cavalgadores he frecheyros. Sua ley he de gentios”** que representa os gentios a que os mouros chamam rebustos, povos que ocupavam o reino do Gujarate antes da tomada dos árabes. São cavaleiros e defensores da terra, vivem nas montanhas e nas serranias. São homens e mulheres brancos, montados em cavalos e camelos, eles com bigodes e barretes, elas cobertas com mantos. São descritos por Duarte Barbosa (ms. c. 1516-1524), Tomé Pires (ms. C. 1515), Fernão Lopes

de Castanheda (1551), João de Barros (1552-1570), dom João de Castro (séc. XVI), Garcia da Orta (1563) e António Bocarro (1635).

Adentramos no Balagate ou Decão, costa ocidental do Indústão, de Mumbai (Bombaim) à Kanara. O **fólio 61-62. “Almocreves canaris – gintios – que trazem trigo do Balaguate a Goa a vender”** representa os gentios, habitantes de Kanara – os canaris -, uma das cinco províncias do grande reino hindu de Vijayanagar, também chamado Narsinga ou Bisnaga. A Província de Kanara (Karnataka) é uma região costeira do Mar Árábico, limitada a leste pelos Ghats Ocidentais, desde a ilha de Angediva - ao sul das terras de Goa - até o Malabar. Os portugueses deram erradamente o nome de canaris aos habitantes de Goa, quando na prática eram os plantadores de trigo e pimenta do Malabar para o Balagate, produtos que chegavam em grandes cáfilas (caravanas de camelos) distribuídas via Goa, segundo D. João de Castro e Pyrard de Laval (1615). O **fólio 63-64. “Mulher gintia da casta de almocreves que se soterra em vida com seu marido, depois de ele morto”** mostra as mulheres e rituais dos almocreves. Os almocreves são condutores de animais de carga (mulas, burros) que transportam mercadorias. Por sua vez, o **fólio 65-66. “Labradores canarins que semeão arroz he trigo. Gintios”** representa canaris brancos, colhendo arroz. Outros grupos sociais também aparecem, como por exemplo os militares no **fólio 67-68. “Lascaris do Reyno de Cambaya”**. Os portugueses designavam lascarins, os soldados indígenas hindus. São brancos, usam barba e bigode, portam lanças e elmo, bem como vestes luxuosas vermelhas e turbante. Por sua vez, terceira casta depois dos brâmanes e os kshatriyas, os grandes mercadores/ negociantes vivem entre os mouros, não comem carne e peixe, usam sapatos com grandes bicos e são representados no **fólio 69-70. “Mercador baneane do Reyno De Cambaya – gentios”**. Casta inferior aparece no **fólio 71-72. “Maynatos canaris que lavão Roupa per dinheyro. Canaris da terra de Guoa – gentios”**. Trata-se dos lavadeiros, que lavam vestes dos Brâmanes e Nayars (grupo social proeminente do estado do Kerala). São homens com peles de tons variados e canaris. Entre as castas mais baixas estão os ferreiros, registrados no **fólio 73-74. “Ferreiros canaris de Guoa – gentios”**. Igualmente canaris, são pagãos, pedreiros, ferreiros, artesãos do metal, *métiers* inferiores e escravizados pelos Nayars. Por outro lado, em Goa, os brâmanes são também ourives, como se vê no **fólio 75. “Bramanes de Guoa. Ourivez – gentios”**. Mais uma vez, o **fólio 82-83. “Canaras – gentios”** retoma os canaris, habitantes de Kanara – como dito, uma das cinco províncias do grande reino hindu de Vijayanagar. Os canaris falam o canarin, língua dravídica (kannada) próxima do malayalam (falado no Malabar) e do tamoul, distinto do konkani falado em Goa. Mulheres hindus, que se tornam cristãs por matrimônio, trajando à portuguesa, são registradas no **fólio 94-95. “mulheres solteyras – índias – cristãs”**. O **fólio 96** mostra gente honrada portuguesa da Índia. O fidalgo encontra-se montado em cavalo árabe ou persa com arreios, proveniente da Pérsia, Bengala e China. Está ladeado por pajens, coberto por sombreiro e sua esposa transportada em palanquim – liteira coberta. No Sul da Índia, os Navayat da costa do Malabar são representados no **fólio 102-103. “Gente que se chamão Naytiás Mouros”**. São árabes de pele escura que habitam o Concão, em Goa, Honavar e Baçaim. São mestiços, filhos de maometanos e gentias, e usam roupas brancas, turbante e barba.

Chegamos à ilha da Trapobana, o Ceilão (atual Sri Lanka), terra da canela e alvo do **fólio 106-107. “gente que chamão chingalas da ilha de çeilam: onde vem há canela”**.

Do Ceilão à China, os fólhos seguintes navegam pelo Índico, revelando povos muito variados. Mais uma vez, é importante frisar que a cor da pele não era racializada e variam entre o negro, o branco, o oliva, o bronze, o marrom-claro, o marrom escuro, o cinza. Interessante perceber a Costa do Malabar como uma zona fronteira profundamente mestiça, com judeus negros, cristãos negros, árabes negros, independentemente da posição social: **110-111. “Mouros malanares”**,

negros que habitavam a Costa do Malabar, chamados mappillas, mestiços de muçulmanos e hindus, responsáveis pelo transporte da pimenta pelos morros até a cidade de Quilon (Coulão); **112-113. “Judeos malanaros”** eram judeus negros do estado do Kerala, que residem há muito tempo na macrozona entre Aden e Vijayanagar, e do Malabar a Cananore, Cochim e Craganore; **114-115. “Gintios malanares que chamão Nayres”** são igualmente negros e habitam a Costa do Malabar; **116-117. “Cristãos malanares que fez o bem aventurado Sant Tome”** são cristãos da terra negros, advindos da tradição síria nestoriana, 52 DC, que ocupam da Costa do Malabar à Costa do Coromandel (do sudoeste ao sudeste asiático), até a cidade não por acaso chamada de São Tomé de Meliapor.

No Oceano Índico, são registrados os habitantes das ilhas Maldivas, também negros no **fólio 118-119. “Gente que abita nas ilhas de Maldiva chamão se calos gentios”**.

Mundos misturados, o **fólio 120-121. “Badaguas gentios”** documenta os povos que Francisco Xavier nomeia de tamoul, vadagar, badagãs ou badegás, sujeitos ao soberano de Vijayanagar; o **fólio 122-123. “Urias gentios do Reino de Uria”** representa os urias, orissa, otissa ou orisha, vizinhos de Cambaia, Vijayanagar, Bengala, Pegu e do mar de Malaca. Em guerra com rei de Vijayanagar, vivem nas terras interiores, são pagãos e bons combatentes, havendo mouros entre eles; o **fólio 124-125. “Gente do Reino de Bengala gentios chamão Bengualas”** registra os habitantes do Golfo de Bengala, brancos e de bela altura. Ali orbitam árabes, persas, abissínios e indianos. A terra é abundante, fértil, sã, temperada. Grandes naus - semelhantes às de Meca e da China - navegam entre a Costa do Coromandel, Malaca, Sumatra, Pegu, Cambaia e Ceilão em busca de mercadorias. Os gentios de Bengala tecem sarabates – tecidos brancos de grande valor para lenços femininos.

Pegu (cidade histórica em Mianmar) é o tema do **fólio 126-127. “Gente do Reino de Pegu gentios chama se Pegus”**.

O **fólio 128-29** registra **“Gente do Reino de Malaca Gintios chamão se malayos”**, em 1509, reino muçulmano convertido em feitoria estratégica e conquistada pelos portugueses sob as ordens de Afonso de Albuquerque (na atual Malásia). Pegus e malaaios são brancos e têm olhos puxados, típicos dos asiáticos.

As ilhas do Oceano Índico são descritas em pormenores porque também mobilizadas pelos portugueses, a saber: no **fólio 130-131. “Esta gente abita na ilha de Çamatrahe chamão se dachens são gintios gente m^{to} belicosa pelejão com huas zevratanas com has quaes botão frechas pequenas de peçonha. Desta ilha de çamatra vem ha aguila [água] he sândalo /.../ asi m^{to} oro he prata he uma ilha m^{to} rica”**, a ilha de Sumatra é representada como muito rica em ouro, prata e sândalo (madeira aromática da árvore Santalum álbum, originária da Índia, valorizada por seu aroma exótico); o arquipélago de Molucas, atingido por Francisco Serrão em 1512 e ocupado pelos portugueses em 1522, é documentado no **fólio 132-133. “Gente que abita nas ilhas de Maluco são gentios chamão se malucos: Destas ilhas vem ho cravo”**, como ilhas habitadas por mouros de pele oliva e cabelos longos, ricas em cravo e governadas por sultanatos; o **fólio 134-135. “Gente do Reino de Java Gintios chamão de Jaos”** representa os javaneses, povos da ilha de Java, brancos, pequenos e olhos puxados; mais adiante, o arquipélago de Banda, rico em noz moscada, habitado por mercadores mouros de pele oliva e atingido pela frota portuguesa de Antônio Abreu em 1512 é o tema do **fólio 135-136. “Gente da ilha de banda onde Vem a nox moxcada sam gentios chamão bandanenses; por fim, o fólio 138-139. “Gente que abita junto da China na mesma costa m^{to} valentes homes de guerra he de grandes corpos**

chamão se botachinas gentios” representa as ilhas Botachinas, uma das cinco ilhas das Molucas, em 1553 atingida pelos jesuítas, cujo rei de Jailolo é mouro e o gentio tem pele branca.

O Códice Casanatense culmina na China: **140-141. “Gente de terá da China chamão se chinas sua lei he de gentios esta terá da china he m^{to} rica mais he m^{to} priguosa ha neguaçam [navegação] pera ela por que se perdem m^{tos} navios”.**

A geografia física e humana representada no Códice Casanatense demonstra a miscelânea de povos nas diversas latitudes mobilizadas pelo império luso. O que se vê são paisagens no plural (físicas e humanas), fronteiras moles que não coincidem com os atuais estados nacionais, diversidade racial, étnica e religiosa: mouros, persas, hindus, singaleses, bengalas, javaneses, malabares, etc, tudo no plural. Hierarquias sociais complexas, tonalidades de pele variadas e não racializadas, são representadas por meio de códigos e convenções da época, mobilizando elementos diacríticos como cores, vestimentas, hábitos, ofícios, lembrando que a cor e os tecidos distinguem socialmente e estabelecem hierarquias de poder. Uma gente miscigenada de longa data, organizada politicamente em reinos vários: “Reino de Ysmail” (Pérsia, do Turquestão e Afeganistão, com capital em Xiraz), Reino de Ormuz, Reino de Cambaia, só para citar alguns. Dinastias novas, Safávida, entre outras. Uma diversidade religiosa incrível coexistindo, tais como cristãos da terra, cristãos católicos romanos, judeus, islâmicos, hindus.

Longe de passividade, vê-se territórios em disputa, mares em disputa, sendo impressionante a sagacidade portuguesa ao mobilizar zonas estratégicas do comércio no Índico, no Mar Vermelho (Estreito de Meca), Golfo de Aden, Golfo de Omã, Golfo Pérsico, Golfo de Cambaia - no que não por acaso se chama Mar Árábico - e também no Mar da China. Disputados por corsários, guerreiros e guerreiras, dotados de arco flecha ou armas de fogo, montados a cavalo ao em camelos, pontos estratégicos para o comércio e a guerra foram negociados e apropriados pelos portugueses. A guerra é ferrenha e desigual, coexistindo arcaísmos e modernidades na disputa territorial, sendo as naus com artilharia embarcada o diferencial dos portugueses que lhes facultou negociar pontos estratégicos de comércio junto aos potentados locais em troca de apoio militar.

Sobre o autor e o comitente

Sobre o autor do códice nada se sabe, muito se especula. A autoria recai sobre um suposto desenhista indo-português, igualmente miscigenado, porque mescla dois padrões de representação distintos: árabe-persas e indianos presente em miniaturas e iluminuras do IX ao XIII e XVI; padrões europeus de representação em pares de casais característicos de tratados europeus do século XVI, tais como: François Deprez, *Récueil de la Diversité des Habits*, Paris, 1562; Cesare Vecellio, *Degli Habiti Antichi e Moderni*, Veneza, 1590; Jean-Jacques Boissard, *Habitus Variarum Orbis Gentium*, Nuremberg, 1581; Abraham de Bruyn, *Omnium Pene Europae, Asiae, Africae atque Americae Gentium Habitus* (Antuérpia, 1581); *Castas de México*, de autor desconhecido, século XVIII (Museo Nacional del Virreinato, Tepotzotlán, México) (Piccoli, 2009). Isso remete a alguém do século XVI, sediado em solos híbridos, provavelmente Goa - como supõe a maioria dos autores - à altura uma cidade multiétnica, multirracial e cosmopolita. O gênero de representação de figurinhas em pares também consta em artefatos como o biombo com mapa-mundi ladeado por representações de 40 etnias, do século XVII, pertencente ao *Museum of Arts Tokyo*, bem como no paravento “Typus Orbis Terrarum”, datado do século XVIII, localizado no Nanban Kunkakan, em Osaka - Japão. O autor parece viajar e documentar

“pelo natural” as paisagens representadas, o que leva a supor ser obra do início do século quando os portugueses estavam se afirmando no Índico e disputando ou aliando-se aos potentados locais.

A historiografia também oscila quanto ao possível comitente. A tese de Luís de Matos (1985) é plausível ao aventar a possibilidade de ser obra realizada nos muitos colégios das ordens religiosas dedicados à formação de jovens “casados” em solos goeses, uma vez que o códice chega a Roma pelas mãos dos jesuítas. Considerando-se o congênere Códice Florentino (Biblioteca Laurenziana, Florença) realizado na Cidade do México, no Colégio de Santa Cruz pertencente aos franciscanos, em formato híbrido tal qual o Códice Casanatense, a hipótese mostra-se muito pertinente. Por sua vez, Sanjay Subramanyam (2022) - baseando-se em estudos recentes de pesquisadores ingleses que percebem a relação com tradições de representação persas, árabes e indianas em iluminuras dos séculos precedentes, comuns nos colégios supracitados - acrescenta a possibilidade de se tratar de encomenda de mercadores “casados” (portugueses casados com membros da nobreza da terra) aos sobreditos colégios, tal como no mundo ameríndio.

A datação também é imprecisa. A única menção à Lisboa, no ano de 1629, no final do códice, ocorre em fólio que a maioria dos autores diz não pertencer ao documento. Mas o papel *vergé* é o mesmo e o tamanho também, malgrado sem marca d’água como os demais. Isso me leva a cogitar a hipótese de o códice ser um projeto do período da União das Coroas Ibéricas (1580-1640), uma *Relacione Geographica* nos moldes das ameríndias (realizadas para a América, Estado do Brasil e Estado do Maranhão, e também para a África e Ásia). Penso na possibilidade de ser um projeto oficial híbrido, misto secular e religioso, talvez levado a cabo no colégio jesuíta de Goa, por jovens híbridos ali em formação, tal como o Códice Florentino produzido no Colégio de Santa Cruz na Cidade do México. Talvez seja um artefato cartográfico da transição entre a tradição dos atlas manuscritos iluminados com tipos humanos, mesclados às iluminuras de padrão árabo-persas-indianas, transbordando esta dupla tradição nas *Relaciones Geograficas* (relatórios oficiais especializados e ilustrados).

Hipótese e considerações finais

Este gênero de representação:

- Assemelha-se a padrões de representação persas, árabes e indianos dos séculos IX - XVI, encontrados na Bibliothèque Nationale de France e na British Library;
- Assemelha-se às figurinhas que aparecem nos planisférios do período, como o Atlas Catalão ou no Atlas Miler de Pedro e Jorge Reinel, Lopo Homem e Antônio de Holanda (1519), só para citar alguns exemplos (Bibliothèque Nationale de France).
- Assemelha-se às figurinhas, representadas em casal, difundidas em tratados de tipos humanos publicados na Europa.
- Assemelha-se às figurinhas em pares encontradas nos biombos confeccionados no Japão nos séculos XVII-XVIII.
- O padrão de representação é diverso das figuras de mesmo gênero documentadas por Jan Huygen van Linschoten, em *Voyage ofte schipvaert naer cost ofte Portugaels Indien* [1579-1592], em 1596, e atlas impressos no período, nos quais os tipos humanos são representados por meio de estereótipos renascentistas, padrão Théodore de Bry.
- Trata-se de padrões locais de representação, provavelmente assimilados por algum português filho da terra, a serviço de interesses no Índico, seja oficiais por

parte da Coroa, seja de particulares como ordens religiosas, o papado ou mercadores “casados”.

Para contribuir com o debate, incluo aqui uma possibilidade não aventada pela historiografia. O detalhamento geográfico do Códice Casanatense – ainda em estágio de borrão de campo - me leva a supor tratar-se de parte anexa a alguma das *Relaciones Geographicas* realizadas para o Estado da Índia, tais como: Manoel Godinho de Erédia (1610, Fundação Biblioteca Nacional – RJ), António Bocarro (1635, Biblioteca Pública Municipal de Évora), António Bocarro e Pedro de Barreto Rezende (1635, Bibliothèque Nationale de France), António Bocarro e João Teixeira Albernaz I (1635, Biblioteca Nacional de España, Madri), António de Mariz Carneiro (1639, Biblioteca Nacional de Portugal), Gaspar Correia (c. 1563, Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo) ou João Teixeira Albernaz (1600-1650, Bibliothèque Nationale de France). Pela proximidade temporal, tem paralelos com as “Plantas de Praças das Conquistas de Portugal Feytas por Ordem de Ruy Lourenço de Tavora Vizorey da India”, 1610, do Cosmógrafo Manoel Godinho de Erédia; mas pelo tipo de desenho, assemelha-se sobretudo à “Descripçam da Fortaleza de Sofala, e das mais da India com uma Rellaçam das Religiões todas, q há no mesmo Estado, pelo Cosmografo Mor António de Maris Carneiro”, datada de 1639. São relatórios manuscritos e aquarelados que exigem exaustivos inventários de campo, como se pode aferir em: Pedro de Barreto de Rezende, “Breve Tratado ou Epilogo de Todos os Visorreys, que tem havido no Estado da India”, realizado em Goa, em 1635; António Bocarro (texto) e Rezende (ilustrações), “Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da India Oriental”, de 1635; António Bocarro (texto) e João Teixeira Albernaz I, “Fortalezas y ciudades de la India de Portugal”, de 1635. Assemelha-se também ao “Roteiro do Mar Roxo” e às “Tábuas do Roteiro da Índia de D. João de Castro”, datados do século XVI.

Todavia, para além dos cosmógrafos régios, o códice também poderia ter sido realizado por engenheiros militares (Bueno, 2011, p. 83-99) a serviço das Coroas Ibéricas, como por exemplo Alexandre Massay para o Reino de Portugal e Algarve (1617-1621), Leonardo Turriano para Oran i Mazarquivir (1594-1598), Tiburcio Spanochi para o Reino da Sicília (1578-1596) ou Diogo de Campos Moreno para o Estado do Brasil - *Rezão do Estado do Brasil* (1609, 1616, 1621), entre outros. Raramente ilustrados com tipos humanos, essas *descriptios* ou *relaciones* são códices com diversas pranchas que detalham aspectos de cada região e localidade seguindo um questionário. No México são artefatos híbridos, resultado de formulários/ questionários que circulam nas comunidades, recebendo registros híbridos, em texto e imagem. Profusas no mundo castelhano, são artefatos híbridos lá porque ensejavam coletas diretas junto da população local. Exemplo disso é o Códice Florentino, hoje sediado na Biblioteca Laurenziana. Ora, se o Códice Florentino é um artefato híbrido delineado por mãos ameríndias de jovens discípulos dos frades franciscanos no Colégio de Santa Cruz da Cidade do México, porque não poderia ocorrer mesmo em Goa? Lembro inclusive que, em 1699, foi criada uma Aula Militar em Goa (Bueno, 2011, p. 136), contemporânea às de Salvador (1696), Rio de Janeiro (1698-1699), Angola (1699) e São Luís do Maranhão (1699), e que circuitos de formação de engenheiros militares também poderiam envolver filhos da terra, quicá o desenhista em questão.

De todo o material prospectado, dois inquietantes códices manuscritos chamam atenção pela natureza semelhante ao Códice Casanatense: o “Livro de Lisuarte de Abreu”, c. 1558-1564 (Pierpont Morgan Library – NY) e à “História Geral Angolana” de António de Oliveira de Cadornega, 1681 (Ms. Vermelho 77, Academia de Ciências de Lisboa). Sobretudo este último, é uma obra monumental, elaborada por António de Oliveira de Cadornega, que partiu para Angola

em 1639, onde se fixou. Na volumosa obra em três tomos, concluída em 1680 e 1681, descreve as ações militares de que participou ou teve conhecimento, em meio às gentes, à fauna e à flora de Angola e do Congo que vivencia. No terceiro tomo destacam-se pinturas muito semelhantes às figurinhas do Códice Casanatense. Embora já anteriormente Duarte Lopes tivesse fornecido informações sobre essas regiões a Filipo Pigafetta - que preparou uma *Relatione*, impressa em Roma, em 1591 - podemos considerar a obra de Cadornega muito mais completa.

Por fim, quicá o Códice Casanatense se destinasse a grandes inventários como os de Pigafetta ou de Battista Ramusio, “Delle Navigationi et Viaggi” (1563, Veneza)? Quicá tenha circulado no contexto de Roma, entre os cardeais, daí cair nas mãos do Cardeal Casanate? Quicá encomenda de algum magnata mercador, assim como a obra do artista jesuíta Placido Francesco Ramponi, enviado especificamente para Goa por Cosimo III, patriarca da família dos banqueiros Médici de Florença (Sodini, 1996). Quicá encomenda do papado? Curiosamente, a pista pode estar no próprio Cardeal Girolamo Casanate (1620-1700), fundador da Biblioteca Casanatense de Roma em 1698. Nascido em Nápoles em 13 de fevereiro de 1620, é filho de Tomás (ou Matías) Casanate, membro do conselho supremo do reino de Nápoles, e de Dona Juana (Giovanna) Dalmau, de uma antiga família aparentada aos Casanates. Seus pais são espanhóis. Estuda na Universidade de Nápoles, diplomando-se em direito canônico e civil, em 1635. Recebe a tonsura clerical em 1633. Esteve em contato com os frades dominicanos desde a infância. Ingressa no estado eclesiástico por conselho do Cardeal Giovanni Battista Pamphilj, futuro Papa Inocêncio X, que conhece em Roma, onde vai com o pai em visita diplomática. Inquisidor em Malta, é também assessor do Supremo Tribunal da Inquisição Romana e Universal no pontificado do Papa Clemente IX. Nomeado cardeal em 1673, é bibliotecário da Santa Igreja Romana de 2 de dezembro de 1693 até sua morte em 1700. Em 1698 funda e dota a Biblioteca Casanatense, colecionando mais de 25 mil volumes que lega aos dominicanos³. Ou seja, fala castelhano, tem contato com mundos no oriente como agente da Inquisição em Malta, e quicá nessas andanças esbarra com este inusitado códice por meio dos jesuítas.

Enigma historiográfico, o artefato ainda suscita debate.

Referências

BOXER, Charles R. **O império marítimo português**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 1ª. ed. 1969.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BUENO, Beatriz P. S. **Desenho e desígnio: o Brasil dos engenheiros militares**. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2011. (2ª. tiragem 2025)

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*. **Topoi**. Rio de Janeiro, pp. 175-195, 2001.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo: história de uma mundialização**. São Paulo: EDUSP, 2014.

³ pt.wikipedia.org. Consulta em 17 jan 2026.

MATOS, Luís de. **Imagens do Oriente no século XVI**. Reprodução do Códice Português da Biblioteca Casanatense. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

SILVA, Valéria Piccoli Gabriel da. **Figurinhas de brancos e negros: Carlos Julião e o mundo colonial português**. Tese (Doutorado), FAU-USP, 2009.

SODINI, Carla. **I Medici e le Indie Orientali**. Il diario di viaggio di Placido Ramponi emissário in India per conto di Cosimo III. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1996.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Connected History: Essays and Arguments**. Verso World History Series, 2022.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. **Les Peuples de l’Orient Au Milieu du XVI^e Siècle**. Le Codex Casanatense. Paris: Chandeigne, 2022.

